

IDENTIDADE E CLASSIFICAÇÃO DOS REGISTROS GRÁFICOS PRÉ-HISTÓRICOS DO NORDESTE DO BRASIL

Anne-Marie Pessis

Universidade Federal de Pernambuco e
Fundação Museu do Homem Americano

ABSTRACT

- Identity and classification of pre-historic graphic registers in northeast Brazil.

When archaeological research began in the northeast of Brazil, no archaeological context was available as a reference. Rock paintings and engravings were preliminary classified with the aim of establishing general classes in order to begin analytical studies were classified without any reference to archaeological information. Today, three decades later, the archaeological context has been established, and it is now possible to reconsider this classification and propose some modifications. Initial classes were designated as **traditions**, which ordered the graphic registers by general cultural identity; the first derived classification level established **sub-traditions**, which ordered traditions by geographical position. The second derived classification level established **crono-styles**, which ordered traditions or sub-traditions by moments of chronological evolution of graphic presentation patterns. The paper suggests an analytical procedure for the study of each site with rock graphic registers.

RESUMO

Quando se iniciaram as pesquisas arqueológicas no nordeste do Brasil não existia ainda um contexto arqueológico disponível que pudesse ser tomado como referência. Pinturas e gravuras rupestres foram classificadas de maneira preliminar com a finalidade de se estabelecer classes gerais que permitissem dar início às pesquisas sem informações arqueológicas complementares. Três décadas de pesquisa permitem hoje se dispor de informações contextuais, reconsiderar as classificações preliminares dos registros gráficos rupestres e propor certas modificações. A classe inicial conhecida como **tradição** ordena os registros gráficos por grupos que representam identidades culturais de caráter geral; o primeiro nível classificatório derivado estabelece **sub-tradições** que ordenam as tradições por posicionamento geográfico; e o segundo nível classificatório derivado, estabelece **crono-estilos** que ordenam tradições e sub-tradições para momentos de uma evolução cronológica dos padrões de apresentação gráfica. O texto sugere um procedimento analítico para o estudo dos sítios portadores de registros gráficos rupestres.

KEY WORDS: Prehistoric rock registers
Prehistory of Northeastern Brazil

PALAVRAS CHAVE: Registro rupestre pré-histórico
Pré-história do Nordeste, Brasil

Desde quando as pinturas e gravuras rupestres pré-históricas foram descobertas na Europa, os trabalhos descritivos e os ensaios explicativos se multiplicaram. Apesar desses registros rupestres serem considerados como fontes de informação para a pesquisa arqueológica, de fato, sua utilização ficou muito limitada pois a falta de operacionalidade dos procedimentos

analíticos utilizados para o estudo deles e o freqüente caráter especulativo das explicações propostas contribuíram para esta situação.

Nos inícios das pesquisas, as análises dos registros rupestres pré-históricos foram, freqüentemente, realizadas utilizando-se procedimentos análogos aos aplicáveis ao estudo de obras pictoriais de sociedades históricas. Sobre esse período existem conhecimentos sobre os mais diversos aspectos da vida social, que fornecem um contexto cultural de referência. Este universo contextual é que permite propor explicações que tomam como base relações entre aspectos do fenômeno pictural e dados do contexto cultural, podendo-se considerar a obra gráfica como um fenômeno social. Conhecer a sociedade na qual a obra foi realizada possibilita o estabelecimento de relações entre as características gráficas da obra e possíveis significações que tal obra poderia ter na sociedade em que foi realizada. Entretanto, utilizar este tipo de procedimento para o estudo das pinturas pré-históricas, resulta pouco viável, pela falta de conhecimento que se dispõe sobre os grupos culturais da época estudada o que, com freqüência, restringe os trabalhos a apenas descrições exaustivas das obras.

Considerar os registros rupestres unicamente como obras artísticas de épocas pré-históricas é uma abordagem que não é de grande utilidade para a pesquisa arqueológica. A sua freqüente abordagem explica-se como o reflexo da mentalidade de uma época marcada pelo etnocentrismo que foi responsável também por numerosas distorções nos inícios do estudo destes registros. As pinturas e gravuras rupestres foram classificadas como obras artísticas de sua época, e foram naturalmente julgadas segundo critérios estéticos então utilizados para obras históricas. É freqüente achar-se nos trabalhos descritivos sobre obras de pré-história abundância de considerações refe-

rentes à “qualidade artística” dos trabalhos, e, implicitamente, aceitar-se o desenvolvimento artístico como um indicador do grau de desenvolvimento cultural dos grupos envolvidos. Quanto à função social dessas pinturas e gravuras, abundam propostas explicativas. Uma delas, muito partilhada, é que a prática rupestre de representar materialmente a realidade sensível ou imaginária devia estar ligada a crenças de ordem religiosa, mítica ou animista. Algumas explicações são apenas conjecturas mais ou menos plausíveis, outras, levam a marca da época e refletem a influência de teorias antropológicas da primeira metade do século, mas em todos os casos, é no próprio contexto que se deve situar as tentativas de explicação.

Os primeiros trabalhos sistemáticos sobre os registros rupestres pré-históricos aparecem nas contribuições de A. Leroi-Gourhan e A. Laming-Emperaire que abrem diversas vias para a pesquisa. Com esta nova perspectiva de análise, o registro rupestre passa a ter importância diferente e, sobretudo, torna-se possível sua contribuição às reconstituições em pré-história. A partir destes trabalhos, as pesquisas realizadas por especialistas de diferentes disciplinas multiplicam-se e as explicações propostas conseguem maior embasamento factual. Porém, não existem ainda condições para que esta fonte de informação seja plenamente aproveitada na pesquisa arqueológica. Os dispositivos que permitam caracterizar, pela obra rupestre, os grupos humanos autores da atividade rupestre são ainda muito gerais. Em consequência, o resultado dos trabalhos sobre estas obras fica como uma contribuição que completa o perfil cultural, mas que não pode ir mais longe no plano de outros aspectos culturais.

Em pré-história, o caráter vestigial dos dados disponíveis torna fragmentário seu universo de informação. A pesquisa realiza-se sobre vestígios de registros rupestres, que foram

muito mais abundantes, e, é a partir deles que se procura reconstituir e caracterizar um fenômeno completo. Esta restrição de base apresenta dois riscos: ou a pesquisa restringe-se a descrições muito detalhadas e a relações de tipo estatístico de limitada utilização ou ela arrisca de escorregar em explicações sem embasamento fatural. Entre estas duas situações é que a pesquisa deve achar seu equilíbrio para fornecer sua contribuição científica.

Independentemente das interpretações possíveis sobre a natureza das pinturas e gravuras, os registros são fontes de dados antropológicos portadores de uma informação insubstituível. São a manifestação de uma forma particular de comunicação social pois nos registros rupestres, são observáveis particularidades tanto nas encenações gráficas como nas técnicas utilizáveis. Estas diferenças são socialmente determináveis e seu estudo pode fornecer uma real contribuição ao estudo dos grupos étnicos da pré-história. A questão principal é estabelecer-se um procedimento científico para que as obras rupestres realmente se tornem uma fonte de informação.

Não é possível considerar-se os registros rupestres fora do conjunto de uma pesquisa arqueológica que outorga, ou ao menos tenta outorgar importância equilibrada às diferentes dimensões do fenômeno humano: biologia, cultura e meio ambiente. Os registros rupestres como fontes de informação, de igual valor aos outros registros da cultura material, deveriam, portanto, ser trabalhados como mais uma variável do contexto. Para isso, é preciso primeiro compreender o fenômeno da prática gráfica no contexto do fenômeno humano, independentemente de sua diversidade cultural. Depois, é necessário poder relacionar esta prática com os grupos humanos, que são os autores, para estabelecer-se as características dos perfis gráficos particulares; é somente depois que esta informação

se torna operacional que é suscetível de integrar-se ao conjunto da pesquisa em pré-história.

Desde que feitos os primeiros trabalhos sobre registros rupestres as pesquisas foram estruturadas sobre certos implícitos dominantes que marcaram sua evolução. O primeiro implícito é o da atemporalidade. Os registros rupestres são trabalhados como um único "corpus", tal como ele se apresenta à observação sensível. Os dados da escavação arqueológica indicam a existência de uma presença humana que abrange amplos períodos cronológicos. Não existem, porém, elementos que permitam partir do implícito que as pinturas foram feitas em um mesmo momento. Existem porém dificuldades reais para poder posicionar estes registros temporalmente. A falta de técnicas suficientemente afinadas que permitam analisar os pigmentos minerais pode ter contribuído para este proceder, mas não justifica, de forma alguma, esta abordagem. Prescindir de uma diferenciação cronológica leva à conclusões de utilidade muito limitada ao nível de pesquisa científica.

Um segundo implícito, igualmente problemático no plano metodológico, é a utilização de uma abordagem fragmentada na qual o estudo dos registros rupestres é considerado como uma disciplina isolada que pode ser autosuficiente. Muitos especialistas em registros rupestres procuram através de suas pesquisas, e com recursos de diversas disciplinas, chegar a caracterizar grupos culturais. Mas essas abordagens ignoram sistematicamente o contexto arqueológico no qual os registros passam a ter alguma significação. Este procedimento é prejudicial para a pesquisa, pois leva a conclusões diferentes ou até contraditórias segundo a disciplina de origem na qual os registros são estudados. O que pode ser um astro numa perspectiva astronômica, pode ser uma visão produzida como consequência da ação de um alucinógeno, e multiplicam-se

ao infinito as possibilidades de interpretação. Os registros rupestres não podem ser estudados cientificamente de forma fragmentada, em dicotomia com o contexto arqueológico. O contexto arqueológico estabelece o espaço das possibilidades de explicação fatural ou hipotética. Fora dele todo o resto é pouco aproveitável.

Em relação às contribuições pode-se afirmar que são principalmente limitadas ao nível de descrição. Assim é que foram iniciados os estudos dos registros rupestres. Considerados como manifestações artísticas, privilegiaram-se apenas as características formais e estéticas, de pouca utilidade para a pesquisa arqueológica. As descrições tornam-se, as vezes, extremamente detalhadas chegando a atomizar a figura e multiplicar propostas classificatórias, sem que seja possível compreender que finalidade tem para a continuidade das pesquisas.

Para a pesquisa em pré-história o principal é poder extrair dos registros rupestres informações que, integradas num contexto maior de informação arqueológica, permita-nos traçar, com a maior precisão possível, as características dos grupos humanos que habitaram um determinado espaço durante um determinado período, e as condições do contexto no qual se instalaram. É, portanto, necessário proceder primeiramente a identificar o "corpus" com o qual se trabalha para achar-se os procedimentos que permitam posicioná-los em unidades temporais.

Face a um "corpus" gráfico dado é preciso fundamentalmente chegar-se a estabelecer os procedimentos e parâmetros que serão utilizados para poder segregar diversas identidades e autorias. Neste trabalho, se utilizarão os registros rupestres existentes no nordeste do Brasil, como referência e ilustração dos procedimentos propostos. Sobre eles as pesquisas sistemáticas começaram faz duas décadas, e na primeira fase

realizou-se um trabalho de prospecção que permitiu ter um panorama geral das dominâncias gráficas dos registros descobertos na região.

Desde os começos das pesquisas realizadas sobre registros rupestres não se dispunha de um contexto arqueológico que pudesse então ser tomado como referência. A fase descritiva era, portanto, o único caminho para se poder dar início aos trabalhos sobre registros gráficos. Começou-se com a procura de certas características, muito gerais, que permitissem o estabelecimento de grandes classes iniciais. Face às características gerais dos conjuntos descobertos, utilizou-se como primeiro critério taxonômico a técnica de realização do registro, distinguindo dois grandes grupos: registros pintados e registros gravados. Este critério foi primeiramente selecionado baseado na existência de diferenças culturais, no plano da tecnologia, que supõe o domínio das duas técnicas, a gravura e a pintura. As técnicas de realização tem as especificidades próprias de uma cultura, independentemente da observação do pesquisador.

Em seguida introduziu-se o critério de reconhecimento que ofereciam os registros. Alguns permitiam reconhecer elementos do mundo sensível, ao passo que outros eram sinais gráficos sem possibilidades de reconhecimento cognitivo. Se distinguiram, então, os registros gráficos pintados ou gravados reconhecíveis dos que não eram reconhecíveis.

No grupo dos registros rupestres pintados e reconhecíveis, foi possível identificar duas grandes classes caracterizadas pelo tipo de grafismo que as compunham e a proporção em que apareciam. Foi relativamente fácil fazer esta distinção porque, no Nordeste do Brasil, se identificaram duas classes de pinturas reconhecíveis:

a) pinturas em que as figuras representavam pessoas e animais muito frequentemente desenvolvendo ações da vida quotidiana e cerimonial;

b) pinturas em que as figuras representavam pessoas e animais em posição estática, sem desenvolver nenhuma ação. Os painéis são de figuras acompanhadas de grafismos não reconhecíveis, que possuem uma morfologia que se repete nos diferentes sítios em que este grupo de pinturas é dominante.

No grupo dos registros rupestres pintados e não reconhecíveis, somente foi preliminarmente identificado apenas um grupo. No plano das gravuras, somente foram identificados grafismos não reconhecíveis, exceptuado algumas figuras reconhecíveis que escapam à regra.

Assim, as pesquisas neste campo iniciaram-se com quatro classes de registros gráficos, três de pintura e uma de gravuras. Decidiu-se designar estas classes iniciais com o termo de **tradição**, que identificaria cada uma das grandes classes que compunham as identidades de caráter mais geral. As tradições seriam estabelecidas pelos tipos de grafismos representados e pela proporção relativa que esses tipos guardam entre si (GUIDON, 1984). A escolha deste termo não foi a mais adequada, pois possui significações diferentes na antropologia e na pré-história, o que gera ambigüidade, obrigando em cada circunstância estabelecer seu significado. O primeiro ordenamento taxonômico organizou-se da seguinte maneira para o Nordeste do Brasil:

- Tradição Nordeste:

integrada pela presença de grafismos reconhecível (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e grafismos puros, os quais não podem ser identificados. Estas figuras

são muitas vezes, dispostas de modo a representar ações cujo tema é, às vezes, reconhecível.

-Tradição Agreste:

caracterizada pela predominância de grafismo reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem na representações de objetos nem figuras de fitomorfas. Os grafismo representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras são representadas paradas, não existindo nem movimento nem dinamismo. Os grafismos puros, muito abundantes apresentam morfologia diversificada.

-Tradição Geométrica:

caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros, figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizados.

-Tradição Itacoatiara:

integrada por gravuras representando figuras que não permitem nenhum reconhecimento. Raramente alguma figura reconhecível é representada de maneira isolada.

Com este ordenamento inicial foi que começaram as pesquisas sistemáticas sobre registros rupestres. Os levantamentos feitos permitiram um mapa preliminar em que se posicionam as tradições dominantes na região (anexo 1).

No decorrer desta última década foram feitos avanços consideráveis no plano do estabelecimento de um contexto arqueológico, o que levou à reformulação do estudo dos registros rupestres, e determinou a necessidade do estabelecimento de parâmetros mais afinados que os utilizados nas classificações preliminares.

A tradição de registros rupestres mais pesquisada até hoje foi a tradição Nordeste. O caráter narrativo dos grafismos levou muitos arqueólogos a optar por ela, pois poderia fornecer muitas mais informações que as outras. Foi também em função desta tradição que muitas escavações iniciaram-se na procura de dados. Algumas, como o Boqueirão da Pedra Furada, forneceram resultados inesperados quanto a datações da presença do homem na região, e, conseqüentemente, estenderam os limites do tempo em que as pinturas poderiam ter sido realizadas. Para as pinturas pertencentes à tradição Nordeste existem ademais informações cronológicas que permitem referências para se poder posicioná-las num contexto espaço-temporal. As análises destes registros permitiu avanços na formulação de parâmetros mais precisos para o estabelecimento das classes iniciais, as “tradições”.

O que se procura estabelecendo tradições é a integração de obras gráficas pertencentes a um mesmo grupo cultural, independentemente de unidade cronológica, e identificar as características dos registros próprias do meio cultural ao qual os autores pertenciam. São, portanto, elementos recorrentes que devem ser segregados da diversidade do “corpus” estudado.

As classificações preliminares tomam em consideração o tipo de grafismo, mas esta noção de tipo foi, tanto para as tradições Nordeste como Agreste, excessivamente geral. O tipo de grafismo surgiu como resultado da conjugação de pa-

râmetros técnicos e das formas de apresentação num plano geral. Assim as figuras da tradição Nordeste, muito aprimoradas, privilegiam as técnicas de delineamento, enquanto as da tradição Agreste, são composições que negligenciam a realização, execução e o delineamento da figura e optam pelo efeito ótico de figuras de grande tamanho, fortemente pintadas com tonalidades escuras. A estas características adiciona-se o facto de que os registros da tradição Agreste representam figuras estáticas, e, ao contrário, as da tradição Nordeste representam o movimento.

Estas características são reais, e permitiram estabelecer-se as classificações preliminares e se dar início aos estudos analíticos. Porém, se consideramos o “corpus” da tradição Nordeste poder-se-á constatar que o carácter aprimorado da realização gráfica e o facto de apresentar cenas não é suficiente para caracterizar que pertençam a um determinado grupo cultural. Na Europa e na África abundam exemplos de registros rupestres que poderiam pertencer à tradição Nordeste. No entanto, considerando que se trabalha numa unidade geográfica determinada e que o “corpus” constitui seu universo de referência, é que se torna possível tomar como ponto de partida esse procedimento classificatório. Este proceder não exclui a necessidade de tornar mais precisos os critérios de classificação, objetivo que vai sendo atingido, à medida que se aprofundam as análises no interior das classes iniciais.

A finalidade de classificar é de se estabelecer um ordenamento para se atingir certos objetivos que devem ser formulados previamente. No estabelecimento das classificações preliminares, procurou-se identificar os grandes grupos gráficos que foram hipoteticamente assimilados a diferentes grupos culturais, e que teriam sido concebidos em períodos cronológicos diferentes de produção. A formulação das classificações

preliminares foi, portanto, hipotética, pois a falta de conhecimento da região não permitia afirmar-se nada sobre os autores das diferentes modalidades gráficas descobertas. Foi no interior destas classes iniciais das classificações preliminares que começaram nossas pesquisas na procura deste contexto.

Hoje se sabe que a tradição Nordeste foi responsável de um grupo cultural que habitou a região, desenvolveu a produção gráfica, há no mínimo 12.000 anos, e manteve essa prática durante um mínimo de 6.000 anos. Sabe-se também que, antes dessa data, outras produções gráficas pintadas foram realizadas, mas não se dispõe de dados para se poder identificá-las e caracterizá-las.

Existem, portanto, certas condições para se poder atingir uma maior precisão na caracterização das classes iniciais a partir do estabelecimento de índices complexos, resultantes da associação de uma série de indicadores. Duas tradições poderão ter dois ou mais indicadores com as mesmas características mas serão diferenciadas por outros indicadores que possuem características diversas. As diferenças entre duas tradições não são dadas por diferenças quantitativas, e sim por diferenças qualitativas, e estabelecimento de uma hierarquia dos indicadores escolhidos caracterizam a complexidade dos índices adotados.

Três dimensões do fenômeno gráfico podem ser consideradas como fontes de informação e fornecimento de parâmetros para o estabelecimento das classificações. A dimensão **material** do registro gráfico, que trata de todos os aspectos da realização técnica, a dimensão **temática**, integrada pelas escolhas feitas pelos autores pertencentes à determinada sociedade e a apresentação gráfica, relativa às formas de **apresentação gráfica** na qual se representam as escolhas temáticas.

A dimensão material é de fundamental importância pois trata do conhecimento técnico que faz parte das características do grupo cultural responsável de sua autoria. Na pintura as diferenças de domínio técnico aparecem claramente manifestas nas duas tradições com representações reconhecíveis, mas, na gravura é que as características técnicas passam a ter a maior importância devido à falta de reconhecimento dos grafismos representados. No plano do estabelecimento de tradições, é preciso identificar em termos gerais, as características técnicas da realização gráfica. Em termos de técnica pictórica é da comparação dos "corpus" das tradições Agreste e Nordeste, que se poderá segregar as principais características.

As escolhas temáticas são possivelmente menos importantes para o estabelecimento de parâmetros caracterizadores de tradições. Os temas podem experimentar variações segundo o decorrer da história dos grupos concernentes, segundo câmbios de condições do meio, e uma série de fatores que ainda não podemos identificar. Nesse sentido as escolhas temáticas passam a ter uma importância maior no plano do desenvolvimento taxonômico, nos níveis classificatórios secundário e terciários.

As formas de apresentação gráfica dos registros rupestres cumprem uma função muito importante no estabelecimento de tradições. Em geral as formas de apresentação gestual dos grupos étnicos, estão culturalmente determinadas por padrões de comportamento social. De maneira análoga, as representações gráficas desses grupos estão igualmente determinadas por padrões culturais, fenômeno que se manifesta de maneira perceptível quando as representações gráficas podem ser reconhecidas e correspondem a elementos do mundo sensível.

Alguns dos arranjos gráficos são muito típicos, independentemente de que o tema da representação seja ou não reco-

nhecível. O estudo do “**corpus gráfico**” da tradição Nordeste permitiu-nos identificar um certo número de arranjos gráficos, nos quais é possível se reconhecer o que representam os componentes, porém, não é possível reconhecer o tema da ação representada. A apresentação gráfica desses arranjos repetese de maneira sistemática e apesar de experimentar algumas modificações na modalidade de apresentação segundo os casos, as variações não distorcem a identidade da composição nem as características essenciais do arranjo gráfico. Estas composições típicas são designadas como **registros emblemáticos**. Um deste registros emblemáticos - que caracteriza a tradição Nordeste - é justamente uma composição em que duas figuras estão de costas uma em relação à outra, com os braços dobrados por cima da cabeça e, frequentemente, o arranjo vem acompanhado de um grafismo puro composto por três dígitos unidos (fig. 1). Este arranjo gráfico é muito típico e aparece com características próprias da evolução gráfica que esta tradição experimenta nos seus milênios de existência (fig. 2). Este registro emblemático conhecido como **costa-a-costa** foi um dos primeiros a ser segregados nos sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, e constitui um dos caracterizadores da tradição Nordeste.

Estes registros emblemáticos somente podem ser segregados após análises detalhadas do “corpus” e da multiplicação dos sítios portadores destes arranjos. No caso do registro emblemático **costa-a-costa**, foi ele identificado a partir de um corpus de centenas de sítios existentes em São Raimundo Nonato. Não é possível, portanto, estabelecer-se o caráter de emblemático para arranjos gráficos identificados a partir de um número reduzido de sítios. Um sítio isolado, portador de pinturas rupestres, não significa nada mais do que uma unidade num contexto geral de sítios portadores de registros gráficos rupestres. Não pode, portanto, ser base de uma gene-

ralização para um conjunto maior, sem cumprir previamente outros requisitos analíticos em relação ao conjunto.

No Estado do Rio Grande do Norte, 1200 quilômetros de distância de São Raimundo Nonato, na região do Seridó, existe uma importante concentração de sítios arqueológicos com registros rupestres pintados, pertencentes à tradição Nordeste (MARTIN, 1988). Uma das características que permitiu identificar sua filiação à mesma tradição foi a presença reiterada do registro emblemático costa-a-costa.

O caráter de reconhecível ou não reconhecível dos componentes do arranjo gráfico não é uma condicionante para se poder estabelecer registros emblemáticos. Na tradição Agreste trabalha-se atualmente com hipóteses referentes ao caráter emblemático de certos grafismos puros que poderiam caracterizar a tradição. Até agora a pesquisa se encontra na fase de manejo de arranjos emblemáticos hipotéticos, não sendo ainda possível determinar os registros emblemáticos desta tradição. Um registro emblemático é, portanto, um instrumento de identificação gráfica que se estabelece a partir de uma pesquisa analítica sobre um corpus gráfico muito volumoso e que permite contribuir à identificação de uma tradição; é portanto uma categoria analítica de saída.

As classificações dos registros rupestres distinguem, também, **sub-tradições** que se estabelecem segundo critérios ligados a diferenças na apresentação gráfica de um mesmo tema e à distribuição geográfica (PESSIS, 1987). A introdução do parâmetro geográfico constitui instrumento interessante nos planos da extensão e da diversificação de uma tradição no plano regional. Assim, a tradição Nordeste apresenta duas sub-tradições: **Várzea Grande**, localizada na área arqueológica de São Raimundo Nonato, e **Seridó**, localizada na área arqueológica do mesmo nome, no Estado do Rio Grande do

Norte. No início das classificações preliminares não se tinha introduzido o parâmetro geográfico e daí a proliferação de sub-tradições que não constituíam nada mais do que um segundo nível classificatório dos registros rupestres. Um exemplo deste proceder foi a formulação da sub-tradição Salitre, da tradição Nordeste, localizada também na área arqueológica de São Raimundo Nonato, porém diferente das existentes na concentração de sítios arqueológicos com pinturas pertencentes à sub-tradição Várzea Grande. Trata-se de um sítio muito particular, pertencente à tradição Nordeste mas com diferenças de apresentação gráfica extremamente marcadas em relação aos outros sítios identificados na região. Hoje, com o aprofundamento das análises, estima-se que o sítio apresenta uma variação da apresentação gráfica que não significaria uma autoria étnica diferente; hipótese de trabalho leva a considerar que se trataria de um momento diferente de um mesmo perfil de apresentação gráfica, com um grau de complexidade gráfica maior.

A introdução do parâmetro da apresentação gráfica destinado a salientar diferenças de encenação gráfica dos mesmos temas é resultado de um trabalho pragmático. Constatamos que um tema frequentemente representado na tradição Nordeste são arranjos cênicos em torno a uma representação fitomorfa. Na sub-tradição Várzea Grande, porém os arranjos apresentam duas modalidades, uma em que as figuras humanas participantes são duas ou três, e outras em que a participação das figuras humanas é muito maior. Nas duas modalidades encontramos que as figuras humanas estão dispostas de maneira a contornar em parte ou totalmente a figura fitomorfa. Na sub-tradição Seridó, a figura fitomorfa é levada por uma figura humana secundada por uma fila de figuras humanas, algumas das quais levam nas mãos variados objetos.

Na tradição Agreste, tal como aparece na área arqueológica de São Raimundo Nonato, foram inicialmente distinguidas também sub-tradições, que hoje são reformuladas à luz da nova tipificação destas categorias classificatórias. A diversidade nas modalidades de apresentação gráfica que existem no seio desta tradição estão sendo atualmente objeto de análises mais aprofundadas no contexto arqueológico da região.

Esses dois primeiros níveis classificatórios estão estabelecidos sem a participação de um parâmetro cronológico, pois estão concebidos para cristalizar identidades gráficas, utilizando critérios materiais, temático e de apresentação gráfica. Sabe-se que a prática gráfica foi desenvolvida em períodos muito longos e como tal sofreu modificações no curso da evolução e da história dos grupos humanos autores desses registros. Mesmo aceitando a possibilidade de que as mudanças sociais e culturais durante o período pré-histórico fossem muito lentas, elas de qualquer forma aconteceram, tanto no plano técnico como no plano dos interesses temáticos. Estas mudanças manifestaram-se nas formas de apresentação dos registros gráficos. As mudanças e transformações atingiram, portanto, as três dimensões do fenômeno gráfico, e provavelmente estes câmbios surgiram de maneira lenta e gradativa. Esta hipótese da cadência na transformações surge do estudo do "corpus" em que ainda não é possível, por enquanto, achar dados que permitam se afirmar a existência de uma co-variação de elementos gráficos.

As classificações preliminares distinguiram no interior das tradições ou das sub-tradições diferentes estilos, que seriam estabelecidos a partir de particularidades que se manifestam no plano da técnica de manufatura e apresentação gráfica. O termo estilo foi adotado dando-se continuidade a uma utilização já difundida nos meios da pesquisa sobre registros

gráficos, mas **não** corresponde propriamente ao que se entende por estilo nas categorias analíticas da história da arte. Sua utilidade como instrumento analítico nos registros gráficos rupestres é questionável. No estabelecimento da tradição procura-se definir identidades culturais, no plano da sub-tradição posicionam-se geograficamente estas identidades, mas no plano dos estilos, diferenças técnicas ou de apresentação gráfica não têm significação maior se não estão inseridos num contexto arqueológico e portanto posicionados cronologicamente. A finalidade de se definir um novo nível classificatório é a de recuperar variações das três dimensões (material, temática e de apresentação gráfica) do fenômeno gráfico, que se manifestam num plano muito particular. Estas particularidades, isoladamente, não permitem caracterizar-se grupos étnicos em unidades espaço-temporais. É preciso identificar estas particularidades e dispor de um contexto arqueológico no qual seja possível atribuir-lhes um valor determinado e, seguidamente, poder relacioná-las. Sem estes requisitos o estabelecimento de estilos, a partir de variações das dimensões dos registros de uma tradição, multiplicar-se-á na medida em que se aprofundam as análises e as variações como expressão das particularidades. Deve-se lembrar que, no plano da tradição, trabalha-se a um nível geral, no qual se recuperam elementos característicos sem os quais há perda da identidade do "corpus" gráfico; ao contrário, no plano da formulação do nível estilístico, salientam-se diferenças o que abre um espaço para uma diversificação sempre crescente.

Se no quadro de uma tradição ou sub-tradição podemos distinguir estilos, provavelmente eles corresponderão a momentos cronológicos diferentes, sobretudo se consideramos, como no caso da tradição Nordeste, que estamos trabalhando num período de 6.000 anos de prática gráfico rupestre. Para poder se estabelecer estes estilos é preciso poder detectar u-

ma variação de **parâmetros** escolhidos das três dimensões do fenômeno gráfico e confrontar essas variações com referenciais arqueológicas. Definir quais são esses parâmetros somente pode ser feito a partir da identificação de diferenças ou particularidades no "corpus" gráfico, mas serão elementos pertencentes a qualquer das três dimensões do fenômeno gráfico. Estes parâmetros são estabelecidos a partir da análise do conjunto da obra gráfica mas o essencial para poder ponderá-los é estabelecer uma hierarquia para os mesmos.

Antes de se introduzir a variável cronológica na classificação dos registros rupestres é interessante lembrar quais são os procedimentos que permitem estabelecer referências cronológicas. São variados os métodos e varia também o grau de confiabilidade dos resultados obtidos.

O procedimento mais confiável atualmente é o **carbono 14**, pelo qual, com o desenvolvimento das técnicas e mediante o emprego do acelerador de matéria, permite datar partículas mínimas de matéria orgânica que se encontram misturadas às tintas dos registros gráficos. As tintas são, muito frequentemente, portadoras de partículas de matéria orgânica, utilizadas para a preparação das tintas e até vestígios deixados pela mão que preparou a tinta. Através destas técnicas, altamente especializadas, quantidades muito pequenas podem ser trabalhadas; dez miligramas são suficientes para fazer uma datação. Os procedimentos de extração da amostra não prejudicam de maneira significativa a pintura; raspa-se a tinta com um escalpelo até obter-se a quantidade necessária. Assim foram datadas as pinturas das grutas de Altamira, El Castillo e Niaux (VALLADAS et al, 1992). É interessante lembrar que este método permite datar a pintura da qual se extraiu a amostra; o resto dos registros do mesmo sítio não podem ser datados na base desta única informação cronológica, simples-

mente por extrapolação. É preciso uma grande prudência na utilização destes resultados.

Outro procedimento direto, que pode fornecer datações de registros rupestres é a **escavação arqueológica** ao por a descoberto setores de paredes de sítios pintados que se encontravam cobertos por sedimentos. Esta circunstância acontece raramente, mas, nesses casos a datação do nível arqueológico que cobria o painel de pinturas fornecerá a data mínima em que se pintou pela última vez a parede. Esta informação não pode, por certo, ser extrapolada para todos os registros do conjunto, mas uma informação cronológica mínima para o conjunto como uma unidade. Um exemplo desta forma de obtenção de informação cronológica é a do Sítio do Perna, na área arqueológica de São Raimundo Nonato, em que num sítio de pinturas pertencentes à tradição Nordeste a escavação descobriu a existência de todo um painel que se achava coberto pelo sedimento. Na parte inferior do painel, a 20 cm. da base rochosa, numa cavidade que existia na parede foi possível extrair restos de carvão que deram uma datação de 9.650 ± 100 (BETA 39972) e na base da escavação, que coincide com a base do painel descoberto, a datação da amostra de carvão extraída de uma estrutura de fogueira forneceu uma datação de 10.530 ± 100 BP (BETA 32971).

Fora destes procedimentos, que datam de maneira direta unidades ou conjuntos gráficos, existem outras fontes de referências cronológicas utilizadas também nas pesquisas. É frequente achar-se, no decorrer de uma escavação realizada num sítio de pinturas rupestres, **fragmentos de parede** que caíram pela descamação dos extratos da superfície rochosa. Esses fragmentos às vezes são portadores de pinturas rupestres, e sua procedência da parede pode facilmente ser identificada. A datação do nível arqueológico do qual estes frag-

mentos foram originados permite, igualmente uma datação mínima do período em que as pinturas teriam sido feitas. A datação, na realidade, está indicando quando os fragmentos rochosos se desprenderam da parede. Estas informações são de caráter geral, e não podem ser extrapoladas para o conjunto, mas fornecem um referencial da época em que aquela prática se realizou.

Na área arqueológica de São Raimundo Nonato, onde existem centenas de sítios de registros gráficos pintados, foi possível identificar-se alguns sítios particulares onde existiam certos tipos de pinturas com características homogêneas, tanto no plano material, temático ou da apresentação gráfica. São **sítios epônimos**, caracterizados por uma unidade tanto no plano da tradição como as vezes no plano do nível estilístico. Nesses sítios, quando as condições permitem, realizam-se escavações para caracterizar-se as condições em que os grupos, ali frequentavam ou viviam. Obtem-se, assim, um leque cronológico da presença humana e, portanto, do período provável em que estas pinturas puderam ser realizadas. São referências gerais, mais de inestimável valor quando se trabalha com grandes limitações para o estabelecimento de parâmetros cronológicos. No plano do estabelecimento de níveis estilísticos, no interior da sub-tradição Várzea Grande, duas grandes classes, conhecidas como **Serra da Capivara** e **Serra Branca** foram situadas cronologicamente através deste procedimento de estabelecimento do contexto arqueológico dos sítios epônimos.

Finalmente, na análise do “corpus” de registros rupes- tres a segregação de **super-posições gráficas** constitui outro procedimento para se estabelecer pontos de referência cronológicos. Estas superposições, visualmente perceptíveis, podem também ser objeto de análises físico-químicas que per-

mitam verificar **ordenamentos** cronológicos. O estudo das super-posições permite, sobretudo, levantar-se uma série de hipóteses de trabalho que devem, naturalmente ser confrontadas ao conjunto do “corpus” gráfico.

Estes procedimentos de datações são todos importantes para a pesquisa, independentemente de ser referirem a conjuntos ou a amostras específicas. Porém para se poder avançar na pesquisa, é necessário que estas análises, para se estabelecer cronologias, sejam feitas com estrutura científica, na qual uma série de hipótese tenha sido previamente formulada. Estas hipóteses surgem do confronto do avanço da pesquisa sobre registros gráficos, com os dados que vão fornecendo as escavações arqueológicas. É importante destacar que, da mesma forma que um objetivo exclusivamente taxonômico não tem maior utilidade para a pesquisa, a finalidade de estabelecer cronologias também pode ser um objetivo desaproveitado, se a escolha das amostras não é consequência de um conjunto de hipóteses concatenadas. É preciso poder dar respostas extremamente precisas a questões como, vamos datar o quê, e com qual finalidade?

Com esta visão sobre procedimentos para se estabelecer cronologias, pode-se voltar a considerar a formulação de níveis classificatórios estilísticos, ou mais precisamente crono-estilísticos, onde será privilegiada a relação entre características específicas nas três dimensões do fenômeno gráfico e o posicionamento dele em unidades cronológicas determinadas. Este terceiro nível classificatório pretende dar conta de uma dinâmica da prática gráfica no interior de uma tradição ou sub-tradição. Num processo de transformação gráfica, no decorrer do tempo, existe um ponto de partida em que se iniciam as atividades gráficas, como também existe um ponto terminal das atividades. O ponto de partida, possui certas

características assim como também o estágio do término de atividades. Associam-se, assim, dois momentos diferentes a duas séries de características dos registros gráficos, nas três dimensões consideradas.

Dois conjuntos com suas respectivas características constituem duas classes no nível classificatório crono-estilístico. O exemplo desta dicotomia cronológica aparece na sub-tradição Várzea Grande em que temos um conjunto crono-estilístico inicial, Serra da Capivara, e por enquanto, um conjunto terminal, Serra Branca. Entre as características principais que definem estes dois conjuntos, existe outra classe de certa forma residual, na qual aparece uma série de especificidades que não são próprias de nenhuma das duas classes crono-estilísticas citadas, mas sem dúvidas pertencentes a mesma sub-tradição. Essa classe é muito complexa, em razão da diversidade de seus componentes, pelo que foi designada com o termo de **complexo crono-estilístico** e no caso da sub-tradição Várzea Grande e denominado **Serra Talhada**. Integrar a dimensão temporal na base de posição do terceiro nível classificatório é um procedimento que se pode aplicar agora, na tradição Nordeste, porque já existem suficientes resultados para isso.

Isto explica as mudanças terminológicas que se vão introduzindo nas classificações, partindo do princípio de que classificar significa ordenar e que com o avanço da pesquisa novos dados são introduzidos na classificação.

Impõem-se considerações sobre o procedimento a utilizar para se iniciar análises em painéis dos sítios portadores de pinturas rupestre, em particular no que diz respeito ao seu posicionamento cronológico. Para início da pesquisa, é preciso se dispor da documentação básica sobre a qual pretende-se trabalhar, e que é obtida mediante adequado levantamento feito no campo. Os procedimentos necessários ao preparo des-

ta documentação são: a realização de registros audiovisuais e a aplicação de um protocolo de observação que permite registrar uma série de informações complementares ao registro visual. O levantamento de amostras de tintura, pátinas ou sedimentos constitui uma fase posterior, que se realiza após a análise preliminar sobre os documentos dos sítios.

A documentação visual começa pela preparação de um documento videográfico; nele se registra, com o maior detalhamento possível, tanto o sítio como os painéis de pinturas rupestres. O documento deve dar conta do sítio no contexto do panorama da região, e dentro do sítio, os painéis de pinturas devem ser precisamente posicionados em relação ao conjunto. Interessa, portanto, que se possa dispor de um documento visual que permita situar cada um dos elementos de interesse num contexto maior: assim um grafismo em relação ao seu conjunto, o conjunto de grafismo em relação ao painel de levantamento, este painel em relação à totalidade do sítio, e, finalmente, o sítio em relação ao contexto do lugar. O procedimento videográfico deverá portanto utilizar um procedimento de filmagem que permita dar conta dessas relações dos elementos com o conjunto do qual formam parte. A técnica adequada de filmagem permitirá registrar-se precisamente elementos que, na observação direta podem passar despercebidos para o pesquisador, em razão da percepção seletiva que direciona a atenção para o que se procura. Estes elementos poderão ser recuperados a partir da análise repetida da imagem. Estabelecida uma rotina de filmagem é interessante que todos os sítios sejam videografados com o mesmo procedimento para facilitar eventuais comparações, e se dispor de uma série de documentos igualmente estruturados. Todos os elementos observáveis que o pesquisador ache de interesse registrar durante o procedimento de filmagem, deverão ser introduzidos verbalmente no registro sonoro do processo videográfico.

A segunda série de documentos serão fotográficos e o levantamento deverá ser feito em quatro etapas: um primeiro registro da totalidade do sítio; logo o registro do espaço pictural dentro do sítio para delimitar claramente o começo e o fim da área pintada; seguidamente o registro dos painéis de levantamento, que são as unidades segregadas segundo critério de conviniência para esta documentação fotográfica; e, finalmente, o registro dos detalhes dos painéis que se estimem pertinentes para cobrir toda a documentação visual. Este registro fotográfico será feito com indicação de escala e recomenda-se triplicar as tomadas fotográficas (2 em slide e 1 em negativo). Esta documentação fotográfica deverá ser ampliada e as análises serão efetuadas a partir das ampliações em papel.

O sistema de levantamento por decalque sobre plástico, que tem sido utilizado amplamente nas últimas décadas, foi utilizado nas análises preliminares. A prática demonstrou que, apesar dos cuidados que podem ser tomados neste tipo de levantamento na procura de maior precisão, é inevitável a introdução de distorções na morfologia dos grafismos, sem que se tenha em consideração a quantidade de elementos gráficos que são excluídos por dificuldades de percepção visual. Daí hoje este tipo de levantamento ser considerado um elemento auxiliar ao qual se recorre quando um setor determinado dos painéis precisa de documentação complementar. Mas, contudo, não é recomendável sua utilização pois as distorções introduzidas não podem ser controladas o que é particularmente prejudicial quando se trabalha com grafismos superpostos. Este procedimento está destinado a ser excluído dos procedimentos gerais de levantamento de documentação gráfica, pois implica, por parte do pesquisador, uma manipulação das paredes pintadas, as quais, com muita frequência, se encontram em estado muito deteriorado de conservação. Atualmente os procedimentos de análise da imagem por tratamento informa-

tizado, com a utilização do vídeo-disco, permitem prescindir deste procedimento. Seu emprego permite também visualizar elementos gráficos que são dificilmente perceptíveis, pois, introduzindo um maior contraste, pode-se trabalhar com maior confiabilidade do que empregando simplesmente a observação direta.

Essa documentação visual deverá ser completada com dados levantados e registrados a partir de um protocolo de observação, destinado a documentar informações complementares, não registráveis visualmente. Interessa dispor de informações sobre o contexto no qual o sítio se encontra, o que pode ser feito mediante uma prospecção do entorno do sítio, características geomorfológicas, fontes de matéria-prima para a preparação das tintas, condições de acesso, luminosidade, suporte e textura, parâmetros a serem integrados no protocolo de observação. Deste registro fazem parte também medições gerais do sítio e dos setores pintados, informações sobre as possibilidades de escavação adequadamente fundamentadas e um levantamento de superfície se pertinente. Em termos gerais, a preparação deste protocolo é essencial para não se deixar de registrar informações que podem passar inadvertidas durante o trabalho de campo.

Na base dessas informações e desses documentos pode-se dar começo ao trabalho analítico de laboratório. A primeira atividade a ser desenvolvida será o estudo das superposições. São elas indicadores de, no mínimo, dois momentos de produção gráfica, visualmente identificáveis. Trabalha-se com folhas de transparência, de maneira a segregar um painel analítico de base, constituído pelo conjunto dos grafismos que não se superpõem a outros; um segundo painel, feito em transparência, estará separando os grafismos superpostos dos grafismos de base. Prossegue-se a análise sobre o painel em transparência,

procurando-se caracterizar o tipo ou os tipos de registros que foram superpostos aos do painel de base. Para a caracterização destes grafismos, observa-se-á como se manifestam os parâmetros das três dimensões do fenômeno gráfico.

No plano material devem ser analisados elementos tais como as características das tintas utilizadas, dos instrumentos gráficos empregados para desenho e preenchimento, as escolhas feitas para o suporte dentro das possibilidades de diferentes rochas do sítio, as características do delineamento e do preenchimento. No plano da temática interessam as escolhas feitas através das representações gráficas da realidade sensível e dos temas representados. No plano da apresentação gráfica se procurará identificar as escolhas feitas e a maneira de apresentar os temas escolhidos. Elementos como tamanho da figura, maneira de privilegiar face ou perfil nas figuras representadas, modos de estruturar no espaço material a reprodução de um determinado espaço pictórico, formas gráficas escolhidas para representar o movimento, escolhas de elementos essenciais de reconhecimento das figuras, componentes físicos e materiais, são alguns dos parâmetros a serem observados nesta dimensão do fenômeno gráfico.

Seguidamente, depois de feita a caracterização, se procederá à comparação dos tipos superpostos com os outros grafismos que se encontram no painel de base. Identificados estes grafismos se procederá a extração de uma amostra de tinta de um dos grafismos do painel em transparência e de um análogo, no painel analítico de base. Estas amostras serão submetidas às análises de laboratório pertinentes para se estabelecer uma possível origem comum que poderá relacionar os dos grafismos dos quais a amostra foi extraída, e permita levantar-se as hipóteses da presença de outros grafismos análogos à classe segregada.

Portanto este primeiro procedimento analítico permite segregar dois momentos gráficos, caracterizar os tipos da superposição e estabelecer se grafismos do painel analítico de base com as mesmas características tipológicas dos grafismos de superposição, fazem parte do mesmo momento de produção gráfica. O estabelecimento dos tipos correspondentes aos grafismos superpostos são de caráter específico para o sítio no qual se está trabalhando. Não cabe, portanto, extrapolações a outros “corpus” gráficos, sem que previamente sejam feitos os estudos de comparação, cumprindo-se adequados requisitos metodológicos. Consequentemente, é impensável a possibilidade de se estabelecer tradições a partir da doação de tipologias específicas na análise dos painéis de um sítio. Este tipo de trabalho no interior de um painel e o estabelecimento de tipos específicos, não implica estabelecimentos de crono-estilos, mas de classes tipológicas válidas para o sítio estudado. É importante compreender que a noção de tipo ou padrão gráfico, como instrumento de trabalho, é uma categoria de entrada a análise gráfica, e a noção de crono-estilo é uma categoria de saída, que trabalha num plano macro-analítico e que, portanto, precisa de um “corpus” gráfico de uma série de sítios.

É necessário multiplicar a aplicação dos procedimentos de análise gráfico e análises físico-químicas aos sítios arqueológicos portadores de registros gráficos com a finalidade de se poder estabelecer perfis gráficos que possam caracterizar os sítios. Mas é a partir do estudo do conjunto dos sítios para os quais os perfis gráficos foram segregados que é possível proceder-se ao estabelecimento de classes crono-estilísticas, que darão conta das variações nas formas de apresentação gráfica em unidades de tempo diferentes.

BIBLIOGRAFIA

GUIDON Niedé. **L'art rupestre du Piauí dans le contexte sudaméricain. Une première proposition concernant méthodes et terminologie.** Paris, Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne, 1984 Panthéon-Sorbonne, 1984. 1037p.

Las unidades culturales de São Raimundo Nonato, sudeste del Estado del Piauí, Brasil, New Evidence for the Pleistocene Peopling of the Americas. A.L.Bryan (ed.), Center for the Study of Early Man, University of Maine at Orono, 1986. pp 157-171.

A seqüência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí, **CLIO. Série Arqueológica, n^o3.** Universidade Federal de Pernambuco, 1986. Recife, pp. 137-164.

Tradição rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil, **CLIO, Série Arqueológica, n^o5.** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989, pp 5-11.

MARTIN, Gabriela. - "Casa Santa": um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte, **CLIO, Revista do Mestrado em História, n^o5** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1982. pp. 55-78 il.

Arte rupestre no Seridó (RN): O sítio "Mirador" no Boqueirão de Parelhas, **CLIO, Série Arqueológica, n^o2.** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985, pp 81-96.

A Subtradição Seridó de pintura rupestre pré-histórica do Brasil, **CLIO, Série Arqueológica, n^o5.** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989, pp 19-26.

PESSIS A.-M. Contexto e apresentação social dos registros visuais na antropologia pré-histórica" in **Anais do I Simpósio**

de **Pré-História do Nordeste Brasileiro**. Universidade Federal de Pernambuco **Clio Série Arqueológica**, nº4, 1992.

Art rupestre préhistorique: premiers registres de la mise en scène. Thèse de doctorat d'Etat. Nanterre, Université de Paris X 3v. 503p. il. micro-édition 1989.

PESSIS, A.-M e GUIDON, N. Registro Rupestre do Nordeste do Brasil: estado atual da pesquisa in **Grafismo Indígena**, São Paulo, Nobel. pp. 19-34, 1992.

VALLADAS, H et alii, Direct radiocarbon dates for prehistoric paintings at the Altamira, El Castillo and Niaux caves in **Nature** vo. 357, p. 68/70 maio 1992.

TRADIÇÕES DE PINTURAS RUPESTRES DO NORDESTE DO BRASIL

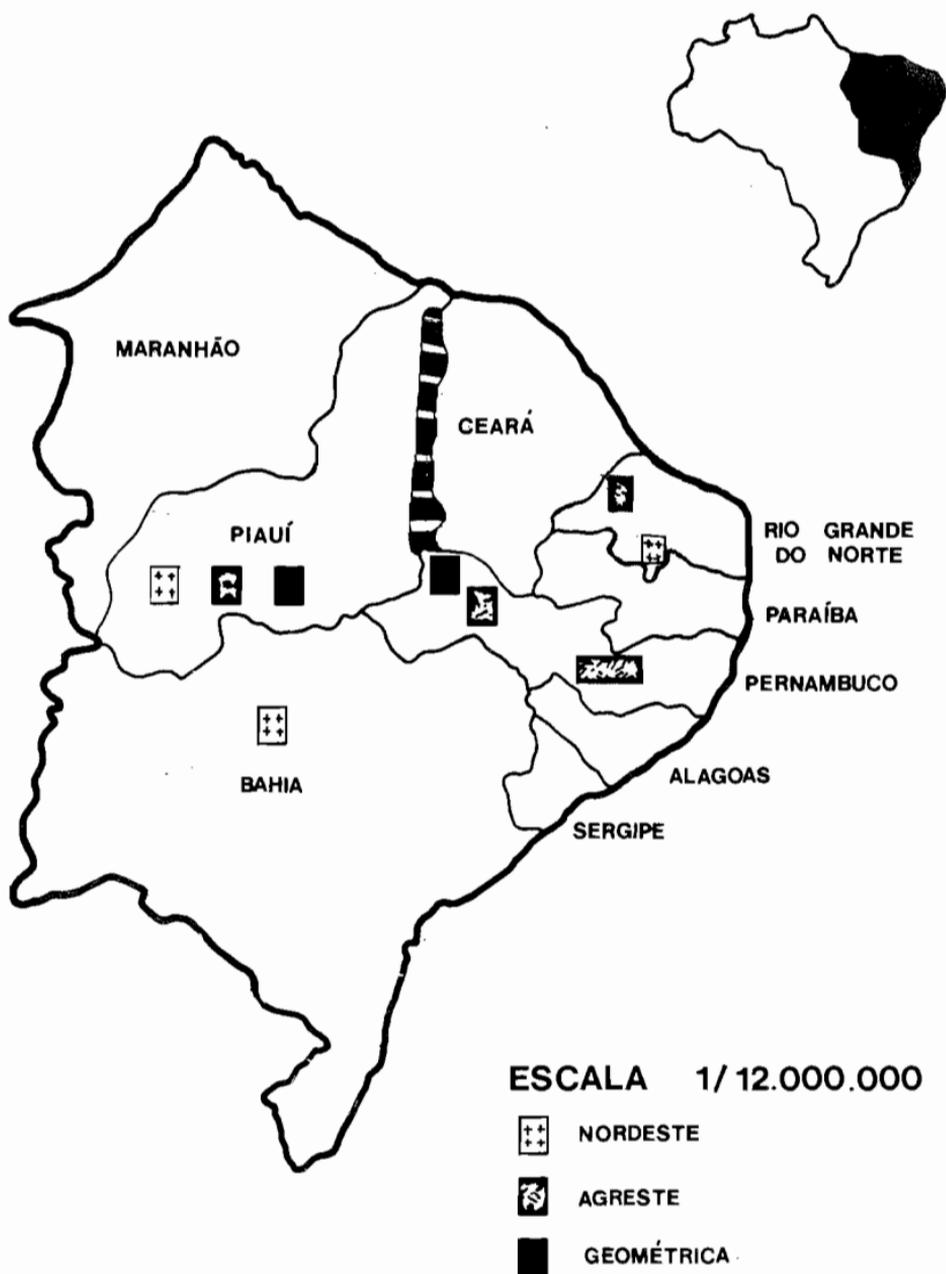


FIGURA 1

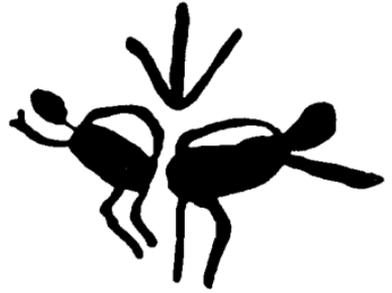


FIGURA 2

